

Produto Educacional

# Retalhos de Memórias, Colchas de Histórias: Itinerário da Palavra



Rebeca Baia Sindeaux

Produto Educacional

# Retalhos de Memórias, Colchas de Histórias: Itinerário da Palavra

*Autora*

Rebeca Baia Sindeaux

*Capa, Projeto Gráfico, Ilustrações e Diagramação*  
Erivaldo Filho

*Colaboradora*

Maria Dulcinea da Silva Loureiro

*Fotografia*

Thiago Alves Moreira Nascimento

Ficha Catalográfica Elaborada pela Biblioteca Central da Universidade Regional do Cariri – URCA  
Bibliotecária: Ana Paula Saraiva CRB 3/1000

Sindeaux Rebeca Baia

S615r Retalhos de memórias, colchas de histórias: itinerário da  
palavra Rebeca Baia Sindeaux. – Crato-CE: URCA, 2019  
39p.; il.; Color; Recurso Digital.

ISBN: 978-85-65424-55-1

1. Educação, 2. Arte de contar história, 3. Formação de  
professores, 3. Produto educacional; I. Título, II. URCA.

CDD: 370





# Índice

Pra começo de conversa	6
Questões teóricas	8
Objetivos centrais da formação	12
A proposta metodológica	14
Oficinas	
<i>História de Vida</i>	16
<i>História Sem Fim</i>	20
<i>O Manto de Pele de Búfalo</i>	28
Referências	38



# Pra começo de conversa

## PROPOSTA TEÓRICO-METODOLÓGICA

*“A criança e o adulto, o rico e o pobre, o sábio e o ignorante, todos, enfim, ouvem com prazer as histórias – uma vez que essas histórias sejam interessantes, tenham vida e possam cativar a atenção. A história narrada, lida, filmada ou dramatizada, circula em todos os meridianos, vive em todos os climas, não existe povo algum que não se orgulhe de suas histórias, de suas lendas e seus contos característicos” (TAHAN, 1966, p.16).*

Diz a querida amiga Elisabete Pacheco, fazendo alusão ao pai, “quem não anda, não leva topada”. Este produto é fruto de minhas topadas pela vida e pelas topadas que dei com pessoas e encontros que colaboraram com minha formação.

É importante elucidar que este material é fruto de nossa pesquisa de mestrado vinculada ao programa de pós-graduação do Mestrado Profissional em Educação – MPEDU da Universidade Regional do Cariri – URCA, na linha de pesquisa Formação de Professores, Currículo e Ensino. E que é resultado do conjunto de estudos, investigação, e participação em eventos, como Mostra Nacional de Contadores de Histórias em Terras Cariri e o Boca do Céu – Encontro Internacional de Contadores de Histórias, que me possibilitaram aprendizagem, amadurecimento e o desenvolvimento da intervenção.

Pretendemos deixar como contribuição social no campo educacional a sistematização de nossa proposta teórico-metodológica sobre o trabalho com a literatura através da arte de contar. Escolhemos realizar oficinas com as educadoras<sup>1</sup> e descreveremos em seguida este trabalho com o intuito de divulgar, socializar e compartilhar nossa experiência com a intenção de que possa corroborar com a formação de professoras e professores e de todas e todos aqueles que se interessem pela arte da palavra.

1. A proposta de intervenção no campo consistiu em uma formação, no formato de oficina (As oficinas aconteceram nos sábados letivos, dias: 24/11/18, 08/12/18 e 15/12/18, no período da manhã) para as educadoras que atuam na creche e no anexo da E.E.I.E.F., lócus da pesquisa.



# Questões Temáticas

No âmbito da escola, do ponto de vista pedagógico, é importante destacar que se faz necessário superar a forma tradicionalmente trabalhada com a literatura em sala de aula, em que a mesma não passa de “pretexto” pra o estudo da língua portuguesa e/ou “interpretação” textual, em que se criam apenas condições para que o texto literário seja aporte à alfabetização. Tais práticas acabam por deixar de lado as possibilidades estéticas, culturais e emancipatórias com as quais a literatura se apresenta ao conjunto da humanidade.

Nesse sentido, as narrativas apresentam uma atribuição superior, as quais proporcionam fruição e experiências que alargam as vivências das crianças. Assim, o contato com as narrativas possibilitam o encantamento, despertam a fantasia e a imaginação criadora, além de enriquecer a criatividade mediante o contato com elementos novos que podem contribuir com seu entendimento sobre o mundo.

Contar histórias é uma arte milenar, que representa uma necessidade humana. Assim, a humanidade esteve sempre ao redor de suas narrativas, neste sentido não há no mundo alguém que possa viver sem fazer algum relato do que tenha acontecido, seja consigo ou com outro, ou até mesmo do que ouvira falar. Por isso, as narrativas se apresentam como uma demanda do ser humano de entender a realidade, a vida e a si mesmo, dando significado e ressignificado ao mundo – elas nos contextualizam.

Comumente nos deparamos com a preocupação, muito presente na prática docente, do “como fazer”, mormente quando se trata de alguma atividade entendida como diferente, quanto contar histórias. Logo se pensa em aprender a receita de como fazer – aprender a fazer. A este respeito, formula Machado (2015, p. 99) que “ninguém pode ensinar uma pessoa a ser uma boa contadora de histórias e, ao mesmo tempo, qualquer pessoa pode aprender a contar bem uma história”. É perceptível e compreensível muitas educadoras(es) imaginarem que não levam jeito para contar histórias, contudo, lembra Betty Coelho (2004, p. 11-12) que “[...] se experimentarem, descobrirão qualidades novas em si mesmas, reacendendo a própria criatividade, o que as incentivará a modificar a prática de ensino, obtendo resultados positivos”. Todavia, recomenda

“[...] não transformem numa exigência utilitarista o prazer que a história dá” (Idem, p. 12). Encorajando: “[...] o lazer é direito de todos assegurado pela *Declaração Universal dos Direitos Humanos*” (Idem, ibidem). Também é preciso levar em consideração que o acesso à literatura é um “direito imprescindível” (CÂNDIDO, 1995), tão importante quanto comer, vestir, morar, posto ser alimento da alma, da imaginação, da fantasia, nos possibilita ser mais, nos humaniza, nos garante a condição de pertencentes ao gênero humano. Ou seja, parte do pressuposto de entender a arte literária como parte dos “bens incompressíveis, isto é, os que não podem ser negados a ninguém” (CÂNDIDO, 1995, p. 175).

Outra preocupação presente ao grupo de professoras(es) sobre o trabalho com as histórias recai no modo de contar, se é melhor ler ou contar de memória. Neste momento, cabe destacar que para Regina Machado (2015) não há superioridade entre ler ou contar de memória – contar “de boca” [como dizem as crianças], pois a duas maneiras demandam “a presença do narrador”. Pois, “[...] ler ou contar podem igualmente ser monótonas sequências de palavras que não produzem efeitos significativos na audiência se a pessoa que conta não estiver presente na história, imprimindo vivacidade e veracidade à cadência de sua narração” (Idem, p.112).

A este respeito, Matos e Sorsy (2007, p.8) diferenciam contar história – contador – e ler história – leitor – para crianças. Entende-se que a arte de contar “[...] envolve expressão corporal, improvisação, interpretação, interação com seus ouvintes. O contador, como vimos, recria o conto juntamente com seu auditório, à medida que conta”. Já o leitor empresta sua voz ao texto, neste ato de ser portavoz “[...] Pode utilizar recursos vocais para que a leitura se torne mais envolvente para o ouvinte, mas não recria o texto, não improvisa a partir dos estímulos do auditório” (Idem, p. 9). Para Machado (2015, p.112), “na escola é conveniente alternar essas duas situações de ler e contar, para ampliar as possibilidades de escuta e aprendizagem dos alunos”.

Concordando com Machado (2015, p. 111-112), é importante ler para: valorizar a ação da leitura, em que o livro se apresenta como objeto veículo de aprendizagem; apresentar as diferentes construções e melodias do texto popular, do texto de autor, focalizando a literatura como fenômeno cultural; manusear e observar as imagens que ilustram o texto do livro, possibilitando a apreciação da relação texto imagem.

No entanto, as educadoras/narradoras que contam histórias todos os dias, até, muitas vezes, para o mesmo público, devem maravilhar os ouvintes/educandos com diferentes situações, inclusive narrar se utilizando apenas de seus recursos

internos, de sua intenção. É necessário saber narrar sem nenhum recurso externo, “[...] para experimentar a sensação da soberania da história, valendo-se apenas de sua força expressiva, tal como se revela pela presença do contador” (Machado, 2015, p.111). Muitos educadores e narradores sentam e começam a contar, trazendo como recursos a voz e suas nuances, os gestos e o olhar. “E a magia se instaura, o mundo se cria imaginariamente em cada ouvinte” (Idem, ibidem).

Entendemos que a literatura é um direito indispensável e defendemos o acesso à arte literária. Todavia, parece necessário reforçar a concepção estética da literatura, como arte da palavra, que “passa, então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência de realidade de onde proveio” (COUTINHO, 1978, p.9). Portanto, a literatura como fenômeno estético – arte da palavra – não se propõe a ensinar, doutrinar, informar, documentar. Por um acaso, de maneira secundária, ela pode conter ciência, filosofia, história, religião. “[...] O literário ou o estético inclui precisamente o social, o histórico, o religioso, etc., porém transformado esse material em estético” (Idem, p. 8).

Através da literatura a criança tem acesso ao mundo, por meio das possibilidades de se apropriar dos objetos da cultura e da história humana, bem como de recriar a realidade. Entende-se, portanto que o uso das histórias enriquece e garante às meninas e aos meninos a possibilidade de adquirir uma forma de se expressar, de reelaborar seus conflitos, de se reconhecer e de se colocar no mundo de forma social, histórica e cultural. Acaba por permitir tanto o desenvolvimento da imaginação e criatividade, quanto a sua expressão, que potencializa seu desenvolvimento, e sua inserção na sociedade.

Levando em consideração as discussões ora levantadas, podemos defender a proposta de trabalho com a arte de contar história para a educação (compreendida no sentido amplo, de formação humana, e não no sentido restrito, de conteúdos escolares) das crianças, tendo como perspectiva de colaborar com a aprendizagem e o desenvolvimento das mesmas.

Deste modo, o presente trabalho versa sobre a relevância de se trabalhar com a arte de contar histórias como prática pedagógica na educação infantil, pois a importância de a criança ouvir histórias, mais que a preocupação em aprender a ler mais fácil e/ou escrever melhor, recai sobre as contribuições que estas podem exercer no desenvolvimento daquela, neste sentido, contribui com a possibilidade da criança pensar de forma mais complexa, ou melhor, na construção e reelaboração dos elementos deste pensar; que se enriquece a cada nova vivência/experiência, alargando a sua compreensão do mundo.

# Objetivos Centrais da Formação



Repensar práticas e construir novas perspectivas sobre o trabalho com a literatura, na busca de compreendê-la a partir da concepção estética, como arte da palavra; valorizar a arte da narrativa, para a formação não só de leitores e produtores de texto, mas de indivíduos capazes de intervir nas relações sociais e produzir novos conhecimentos.





# A Proposta Metodológica

A metodologia consistiu na articulação teórico-prática, a qual se intercalou a apresentação dialogada das discussões a respeito da arte de narrar e de como tal prática pode corroborar para formação cultural das crianças mediante o acesso à arte literária. Foram realizadas, vivências em grupo, utilizando textos da cultura popular como provérbios, trava-línguas, quadrinhas, a fim de que as educadoras pudessem experienciar as possibilidades de expressão da oralidade, mediada por elementos da narrativa, como ritmo, cadência, pausas, entonações; as professoras também foram convidadas a construir, com ajuda do imaginário, situações fantásticas para construção de histórias. A intenção em proporcionar tais experiências foi de sensibilizar e encantar, partindo do pressuposto de que só pode promover encantamento aquele que também se encanta. Vale ressaltar que as atividades estavam intercaladas e mediadas por narrativas, e para finalizar, solicitei depoimentos para gerar reflexões a respeito das discussões e das vivências em grupo.

## AS “TOPADAS” FORMATIVAS QUE LEVEI

*Gostaria de destacar que as vivências propostas foram adaptações e reelaborações de aprendizagens que experienciei: durante o Boca do Céu – Encontro Internacional de Contadores de Histórias, em especial nas oficinas com Regina Alfaia e Pépito Matéo; numa formação do PIBID-PEDAGOGIA-URCA com a professora Regina Esteves (metodologia do Brasão); no minicurso “A arte de narrar histórias em sala de aula: subjetividades e sensibilidades entre a história e a literatura” com a Elizilene Oliveira, na III Jornada Interdisciplinar em História e Letras – JIHL; assim como durante o minicurso “Quem conta um conto aumenta o encanto: a importância da hora da história na educação infantil” ministrado por mim e pela Elisabete Pacheco durante a XXI Semana de Iniciação Científica e VI Semana de Extensão da URCA.*





# Oficinas

## Narrativa: História de Vida

### Roteiro de Oficina

#### Objetivos

*Construir uma memória coletiva, através das narrativas de cada uma, à medida que passavam a fazer parte das lembranças do grupo. Construir a identidade do grupo a partir do relato do percurso/ trajetória de vida de cada uma.*

Para início de conversa – iniciamos com a apresentação individual de cada participante, primeiro mediado pela leitura do texto de apresentação:

*“Meu nome é...*

*Eu enxergo quando falo.*

*E sinto meus pés no chão – de verdade!*

*Eu falo para o norte, para o sul, para o leste e para o oeste.*

*Falo para frente e para trás e adoro ouvir o som da minha voz!*

*Porque eu enxergo, falo simples, aberto e projetado.*

*E você?”*

Continuando a conversa – construção da identidade do grupo através da escuta acolhedora das narrativas, que compõem nossas memórias afetivas de infância construídas através das histórias ouvidas no ambiente familiar e no ambiente escolar.

#### Por quê?!

*Entendemos que quando conhecemos as histórias de determinado grupo e compartilhamos as nossas, começamos a fazer parte, ao poucos pertencemos aquele grupo, podendo assim construir uma identidade com as narrativas, pois elas passam a ser nossas também.*

*“Essa noção de sujeito-narrador é próprio de quem aprendeu a pensar a sua história!” (SISTO, 2015, p. 83).*

### VAMOS PENSAR (APROFUNDAR)

*É preciso entender que literatura não é só o escrito, a literatura escrita é recente. Na verdade o que nós temos de mais antigo é a literatura de tradição oral, estes causos, estas histórias que os nossos antigos nos contavam e ainda cantam as cantigas, as quadras populares, o próprio cordel são frutos da tradição oral, que veio passando de geração a geração e que nós (humanidade) começamos a registrar na tentativa de não perdê-las, de não esquecê-las. Apesar de que na atualidade se dê muito mais valor à literatura escrita que a oral, para os estudiosos não há esta hierarquia, uma não é melhor que a outra. Tanto a literatura oral como a escrita tem o seu valor e devem ser socializadas. Estas histórias cotidianas que fizeram parte da nossa infância, que ainda fazem parte do imaginário das comunidades, são literatura de tradição oral, e em algumas comunidades ainda se tem a prática/rotina de se contar as narrativas em volta da fogueira, ou debulhando os milhos, o feijão, enquanto se trabalhava iam contando suas histórias, seus cânticos, seus ensinamentos. “Até hoje, em diferentes grupos sociais espalhados pelo planeta, por exemplo, indígenas, comunidades rurais, ribeirinhas e remanescentes de quilombos, predominam as formas orais de comunicação; a cultura é transmitida por meio da oralidade” (FARIAS, 2011, p. 19). Deste modo, “[...] essas sociedades têm um conhecimento espetacular, pois desenvolveram um tipo de discurso argumentativo por meio das narrativas” (FARIAS, 2011, p. 19).*

Para finalizar – propomos o relato de trajetórias de vida, serão destacados para construção da trajetória os seguintes pontos: lema de vida, animal que o represente, cor favorita, sonhos realizados e que ainda pretende realizar, narrativas que ouviam e as que conta, frustração e superação, defeito e qualidade.





# Narrativa: História Sem Fim



## Roteiro de Oficina

### Objetivos

Consolidar uma memória coletiva através da narrativa que compõe nossa memória afetiva; Identificar os elementos da narrativa – entonação, gestos, expressões, ritmo, emoções, possibilidades linguísticas – e do narrador através de experiências/vivências com a oralidade através da literatura popular (quadrinhas populares).

*“De mãos amarradas não há quem conte uma boa história”.  
(Câmara Cascudo)*

Para início de conversa – iniciamos nosso encontro com uma vivência, em círculo, de pé, fizemos um alongamento e posteriormente cada participante pronunciaria uma frase curta, como: “Estava tão frio, deu uma preguiça de levantar!”; na segunda rodada, a proposta era que se iniciasse a frase em um sentido (positivo ou afirmativo) e a terminasse mudando o sentido (para negativo); na terceira rodada a solicitação foi que a frase fosse dividida em dois pedaços, assim o participante falava a primeira parte e só depois de cinco segundos falava a segunda parte da frase.

### Por quê?!

*A ideia com esta vivência era experimentar o exercício de entonação, pausa, ritmo.*

Continuando a conversa – no momento posterior, as professoras resgataram da memória as narrativas que marcaram suas vidas. Como proposta pedi que antes de iniciar a história elas dissessem “– Eu sou (fulana) e agora vou narrar...”, e ao término “– Eu sou (fulana) e já narrei”.

## Por quê?!

*Este tempo do era uma vez foi muito significativo, e despertou em nós um sentimento de envolvimento e de pertencimento, em que qualquer um de nós poderia ter ouvido e vivido qualquer uma daquelas histórias. Assim as narrativas nos afetam de modo particular e também coletivo, pois cada uma das histórias contadas agora fazem parte do repertório individual e coletivo.*

### VAMOS PENSAR (APROFUNDAR)

*A exemplo do que Regina Machado (2004, p. 10) coloca como o “[...] mais fascinante no que diz respeito aos contos tradicionais é que eles são ao mesmo tempo expressão particular de uma certa cultura e expressão universal da condição humana”. E continua “[...] parece que falam de uma humanidade à qual todos pertencemos e tocam num lugar dentro de nós que quer saber coisas que não estão propriamente à venda em nenhum mercado, por assim dizer” (MACHADO, 2004, p. 10).*

*Deste Modo, “um rapper americano, um índio bororo, um estudante da USP, uma atleta russa e um técnico de informática japonês, por mais diferentes que sejam seus rumos e escolhas de vida, poderiam perfeitamente escutar um mesmo conto tradicional e aprender alguma coisa, cada um do seu jeito. Mas de modo algum, nem de longe, estou falando de globalização. Estou falando de um sentido de pertencimento que permite compartilhar algo que não tem a ver com mercadorias, nem com uma imaginária unificação pasteurizada” (Machado, 2004, p.10).*

Para finalizar – ao final do encontro propus outra vivência, nesta ficamos sentados nas colchas de retalhos e cada participante retirava de um envelope uma quadrinha popular. Em outro envelope estavam as mais variadas entonações (variações, sensações, sentimentos e diferentes vozes) para

serem dadas à quadra recitada. Deste modo, a cada rodada uma professora lia sua quadrinha ora empolgada, ora triste, ora imitando uma gata, ora com voz de velha. E assim experimentamos diversas possibilidades e variações de expressão e oralidade, brincando com as palavras e lhe dando vida. Transformando o texto escrito em texto vivo.

## Gostaria de Destacar

*Este momento do dia foi muito divertido, tomou ares de brincadeira mesmo, e assim ríamos, nos expressamos, e de maneira livre, ousada, entusiasmada como se a criança que habita em nós, tivesse tomado conta das nossas vergonhas, pudores e pudemos transpor o limite real (realidade da vida adulta) e desfrutamos da gostosura de se entregar a experiência/vivência.*

## Você Sabia?!

*Quadrinhas Populares, também conhecidas como poesias populares, são trovas simples criadas pelo povo. Compostas por quatro versos (dai vem o nome) se caracterizam por possuir rimas muitas vezes imperfeitas e escritas muitas vezes incorretas. Porém, são legais e interessantes justamente por serem simples e usarem uma linguagem bem popular. Muitas quadrinhas se caracterizam também pelo humor de cunho popular. As rimas costumam aparecer no 2º e 4º versos.*

*São usadas para expressar desejos, admirações, sentimentos amorosos, reclamações, atitudes maliciosas ou de juízo. As quadrinhas populares são muito usadas em desafios, jogos de adivinhações e provérbios.*

## Material Utilizado

### QUADRINHAS POPULARES

Andorinha no coqueiro,  
Sabiá na beira-mar,  
Andorinha vai e volta,  
Meu amor não quer voltar.

Eu coloquei meu nome,  
No teu relógio, querida,  
Faça agora o que quiser,  
Das horas da minha vida.

O colo desta menina,  
É branco como algodão,  
Tem a beleza das garças,  
Voando pelo sertão.

Você me mandou cantar,  
Pensando que eu não sabia,  
Pois eu sou que nem cigarra,  
Canto sempre todo dia.

Palavras fora da boca,  
É pedra fora da mão,  
Tu tens me dito palavras  
De cortar-me o coração.

Se vires a tarde triste,  
E o ar a querer chover,  
Saiba que são os meus olhos,  
Que choram por não te ver.

Esta noite tive um sonho,  
Mas que sonho atrevido,  
Sonhei que era o babado  
Da barra do teu vestido.

Com jeito tudo se arranja,  
De tudo o jeito é capaz,  
A coisa é ajeitar o jeito,  
E isso pouca gente faz.

Chove chuva miudinha,  
Na copa do meu chapéu  
Antes um bom chuvisquinho,  
Do que castigo do céu.

Se eu soubesse que ocê vinha,  
Eu mandaria buscá,  
Com sombrinha enfeitada,  
Só pro Sol não te queimá.

Teve sabor a pecado  
O beijo que te roubei.  
Foi um gesto malcriado,  
Mas te confesso... gostei.

Fui sair com o meu amor,  
E dei-lhe um beijo na testa.  
Mais abaixo me disse ela,  
Mais abaixo é uma festa.

Laranjeira pequenina,  
carregadinha de flores,  
Eu também sou pequenina,  
Carregadinha de amores.

Por favor me acuda logo,  
Seu doutor cirurgião.  
Me cura desta saudade,  
Que dói no meu coração.

Escrevi teu lindo nome,  
Na palma da minha mão,  
Passou um passarinho e disse:  
- Escreve em teu coração.

Tu na terra e eu no mar,  
Ambos nós damos valor.  
Tu cavas no duro chão,  
Eu no mar sou pescador.

De encarnado veste a rosa,  
De verde o manjeriçõ,  
De branco veste a "sucena"  
De luto o meu coração.

O ribeiro não corria,  
Quando o teu lenço lavavas.  
Parou a ver se aprendia,  
As cantigas que cantavas.

Batatinha quando nasce,  
Se esparrama pelo chão,  
Minha amada quando dorme,  
Põe a mão no coração.

Corre ratinho  
Que o gato tem fome.  
Corre ratinho  
Que o gato te come.

O sol vê cair a chuva,  
Escondido atrás da Serra.  
Ele sabe que sem chuva,  
Não cresce a planta na terra.

A roseira quando nasce  
Toma conta do jardim.  
Eu também ando buscando  
Quem tome conta de mim.

Hoje não venhas tarde,  
Dizes-me tu com carinho.  
Ou compras um relógio novo,  
Ou amanhã vai de carrinho.

As estrelas nascem no céu,  
Os peixes nascem no mar,  
Eu nasci aqui neste mundo,  
Somente para te amar!

## Narrativa

### ❖ A História Sem Fim ❖

**E**ra uma vez um rei que gostava muito de ouvir histórias. Ele precisava ouvir histórias todos os dias, porém ficava muito chateado quando as histórias chegavam ao fim.

Então, um dia ele teve uma ideia: resolveu lançar um concurso para escolher o melhor narrador de histórias de todos os Reinos, aquele que lhe contasse uma história sem fim. E ofereceu como prêmio a mão de sua filha em casamento.

Ordenou que se espalhasse a notícia por todos os reinos e marcou a data do concurso.

No dia do concurso havia filas quilométricas de narradores. Todos queriam a chance de contar uma história para o rei, e casar-se com a princesa.

Cada dia que passava, vários narradores, de diferentes lugares, contavam as histórias mais belas e mais lindas que conheciam. O rei ficava muito feliz enquanto estava ouvindo a história, porém quando ela terminava... ele ficava muito triste e chateado.

Passaram-se dias... e nenhum dos narradores que haviam aparecido tinha conseguido agradar ao rei. Cumprir o propósito de lhe contar uma história sem fim.

Até que chegou um rapaz magro, “franzino” pedindo para contar uma história para o rei, afirmando que conhecia a história que iria agradá-lo. Ninguém botou muita fé naquele rapaz, mas o rei já estava tão desesperado que deu uma chance para que o jovem narrasse a tal história.

Então o jovem começou...

*Era uma vez, Senhor meu Rei, um homem que criava patos, eram muitos, muitos, muitos patos.*

*Acontece que no terreno deste homem havia um rio, e todos os dias os patos precisavam atravessá-lo para se alimentarem do outro lado, então todos os dias os patos atravessavam por esse rio. Porém houve um tempo em que choveu muito, uma chuva enorme, por dias e noites.*

*Por causa disso, o rio ficou muito largo, e quando os patos foram atravessar...*

O jovem parou e olhou ao longe como se observasse os patos, ficou um tempo parado, calado.

Até que o rei não aguentou mais esperar e perguntou:

*- Sim meu rapaz, o que acontece com os patos?*

O rapaz olhou para o rei com muita serenidade e disse:

*- Deixe os patos passarem, deixa os patos passarem, deixa os patos passarem, senhor meu Rei, Majestade.*

E voltou a olhar novamente para o horizonte como se observasse aquele monte de patos atravessando o lago. Permaneceu calado, olhando...

Mas o rei não aguentava de tanta curiosidade, inquietou-se e disse:

*- Meu filho, e aí o que acontece com esses benditos patos?*

Rapaz, mais uma vez, olhou para o rei e disse:

*- Deixa os patos passarem, deixa os patos passarem, senhor meu Rei, Majestade.*

Essa pergunta e essa resposta se repetiram diversas vezes.

Até que o rei não aguentou mais, chamou o rapaz e gritou:

*- MEU FILHO, ESSA HISTÓRIA NÃO TEM FIM!!!*

E foi assim, que aquele jovem “franzino” e magrelo ganhou o concurso e casou-se com a princesa.

A festa foi muito bonita, todos estavam muito animados e contentes. Porém, o rei estava “encucado”! A curiosidade tomava conta naquele rei. Por isso pegou o atual genro pelo braço e levou para o escritório. Com uma voz quase sussurrando perguntou:

*- O que aconteceu com os patos?*

O jovem olhou para o rei com muita serenidade e lhe disse:

*- Deixa os patos passarem, deixa os patos passarem, deixa os patos passarem senhor meu Rei, Majestade...*

(versão narrada por mim)

História de tradição oral, a versão que escolhi e adaptei para narrar é do tipo de narrativa em que se tem uma história dentro da outra.



## Roteiro de Oficina

“Essa condição de ser portador de uma história todo homem tem!”  
(SISTO, 2015, p. 83).

### Objetivos

Acessar o fantástico e o extraordinário para a construção do imaginário do narradora/educadora, através da imaginação e da criatividade; trabalhar a criatividade.

Narrativa:

# O Manto de Pele de Búfalo



Para início de conversa – Já na acolhida narramos a história “O manto de pelo de Búfalo”, após o diálogo suscitado pela história, iniciamos as vivências.

Primeira vivência – *processo criativo* – Consiste em construir histórias a partir da formação de palavras. Em grupo de quatro pessoas em cada rodada seria construída uma palavra, que seria formada por sílabas soltas ditas por três das participantes e a quarta formaria a palavra, na ordem que as sílabas foram ditas e inventaria/criaria uma história. Essa atividade pedimos que as palavras criadas sejam explicadas pela perspectiva de causos – histórias contadas para convencer as pessoas, ou seja, devem ser verossímeis. Essa perspectiva trabalha a criatividade, pois tenta explicar algo que não existe de uma maneira que parece conhecida por quem conta. A narrativa deve ser contada para seu grupo. A dinâmica foi organizada para que todas as educadoras pudessem dizer uma sílaba, como também formar a palavra que seria geradora da história,

Segunda vivência – *construção do imaginário* – Depois deste momento, a outra atividade, que seguia a orientação de fuga da lógica da realidade, ainda no mesmo grupo formado no início, foi de “batalha/guerra verbal” em que uma membro da equipe era colocada no centro da roda e era “atacada” verbalmente pelas outras, sendo colocada nas mais diversas, difíceis e estranhas situações nas quais precisariam procurar as soluções mais variadas, diferentes e extraordinárias para se desvencilhar dos apuros e perigos que havia sido colocada, lembrando que o solicitado era que fosse uma história incomum – fantástica/extraordinária.

## Por quê?!

*Estas atividades foram muito boas, saíram histórias maravilhosas, a diversão tomou conta dos grupos, mas também a angústia de algumas pessoas quando foram confrontadas com os medos, nojos que tinham e que precisavam superá-los para “sobreviver” a armadilha que havia sido colocada.*

Terceira vivência – a cultura popular em nossa vida – de volta ao grupão, a vivência se deu através da leitura compartilhada de provérbios/ditados populares. Cada professora retirava do envelope uma tarjeta com um provérbio, mas deveria fazer a leitura apenas do início e o grupo deveria completá-lo. E a ideia era que se completasse o mais rápido possível.

## Por quê?!

*Nesta atividade percebemos o quanto somos formados pelos ditados populares, de como fazem parte do nosso cotidiano e de como nos remetemos a eles em diversas situações.*

Continuando – seguindo a dinâmica que já estava em curso, substituímos os provérbios pelos trava-línguas, porém com estes a proposta que se fizesse uma leitura modulada e ritmada, para que a cada rodada se pronunciasse mais rápido o trava-língua.

## Gostaria de Destacar

*Nesse momento, mais uma vez, a gargalhada tomou de conta, cada vez que a língua travava era aquela diversão, e a empolgação de tentar falar o mais rápido possível tomou conta do grupo.*

## VAMOS PENSAR (APROFUNDAR)

*Vale destacar que, durante esta atividade, a importância de aperfeiçoar a pronúncia das palavras e de como a educadora/narradora precisa destravar a língua para aprimorar sua dicção, a eloquência com a qual pronuncia a narrativa, ou conversa com as crianças, ou dá sua aula. Inclusive se configurando como uma preocupação que se precisa ter: a necessidade de falar bem, falar corretamente, falar de maneira clara e pronunciando perfeitamente as palavras. Principalmente porque muitas crianças aprenderão conosco várias das palavras de seu universo vocabular e seus significados, o que garante o desenvolvimento da linguagem, que segundo Martins ao interpretar Vygotski, representa,*

*“[...] antes de tudo, a história da formação de uma das funções mais importantes do desenvolvimento cultural, na medida em que sintetiza o acúmulo da experiência social da humanidade e os mais decisivos saltos qualitativos dos indivíduos, tanto do ponto de vista filogenético quanto ontogenético” (MARTINS, 2011, p. 133).*

*E a palavra é essencial ao desenvolvimento da linguagem e conseqüente e dialeticamente ao desenvolvimento humano.*

*“Logo, ao representar os objetos e fenômenos por meio da palavra o homem deu o primeiro e mais decisivo passo em direção à sua libertação do campo sensorial imediato, isto é, em direção ao desenvolvimento de sua capacidade para pensar. A palavra é, fundamentalmente, uma forma socialmente elaborada de representação e para que os indivíduos se apropriem dela é requerida a mediação de outros. Sua função generalizadora radica na vida social, nos intercâmbios entre os homens e os objetos pela mediação de outros homens” (MARTINS, 2011, p. 133).*



## Narrativa

### ❖ O Manto de Pele de Búfalo ❖

**A**o sul do Grande Lago Chade, no centro do continente africano, um caçador solitário rastejava pelas margens do rio Chari atrás de um pequeno cervo.

Ao dobrar uma das curvas sinuosas do rio, surpreendeu-se ao ver um grupo de mulheres tomando banho. Eram jovens realmente lindas que riam e brincavam dentro da água.

O caçador se aproximou silenciosamente, escondendo-se em um lugar onde pudesse observá-las melhor.

Desviando o olhar das moças por um instante encontrou vários mantos de pele de búfalo.

Os mantos eram longos e espessos, o que o levou a pensar que qualquer um deles poderia muito bem aquecê-lo nas noites frias tão comuns daquela região.

Por isso acabou apanhando sorrateiramente o mais macio dos mantos, e continuou escondido atrás de uma moita observando as jovens no lago.

Nenhuma delas notou sua presença, ele era muito esperto, sabia se disfarçar e se esconder muito bem.

Enfim, as mulheres saíram da água e uma após a outra foram se enrolando nos mantos.

Imagine a surpresa do caçador ao ver que assim que o manto cobria os ombros das jovens, cada uma se transformava em búfalo.

Inacreditável!!!

Como era possível?!

O caçador não conseguia acreditar no que via: diante de seus olhos uma a uma se transformando em búfalo.

Seriam búfalos que se transformavam em mulheres, ou mulheres que se transformavam em búfalos?

Fosse o que fosse, parecia um sonho!

Todas partiram, menos aquela cujo manto lhe roubaram.

O caçador acompanhou-a com os olhos, fascinado por sua beleza. Sentindo-se culpado pelo desespero que a levava de um lado para o outro procurando algo que ele tinha em suas mãos.

Por fim, abandonou o seu esconderijo e correu ao encontro da jovem.

Agarrou-a com firmeza para que não fugisse e tentou acalmá-la sussurrando-lhe mansamente as palavras mais carinhosas e gentis.

Aos poucos conseguiu que ela ouvisse, e cada vez mais apaixonado insistiu para que ela se tornasse sua esposa.

A moça hesitou por alguns instantes, pois nunca tinha visto aquele homem antes, estava diante de um completo desconhecido.

Mas acabou encantada pela sinceridade do seu olhar, pelo extremo carinho com que era tratada.

Aceitou o pedido, porém com uma condição: que ela pudesse de vez em quando colocar seu manto e partilhar da companhia de suas irmãs.

O caçador concordou e a levou para morar na aldeia.

Os dois viveram muito felizes...

Até que nasceu o primeiro filho deles, muita gente se espantou porque quando a criança nasceu era muito parecida com seus antepassados búfalos.

Um grande estranhamento tomou conta de todos.

Tempos depois, à medida que o bebê crescia e se transformava hora em uma criança como qualquer outra, hora em um búfalo como seus avós maternos, o estranhamento transformou-se em medo e o medo converteu-se com rapidez em preconceito.

Muitos pais passaram a proibir os filhos de brincar com a criança búfalo.

O nascimento dos dois outros irmãos apenas piorou a situação para o casal.

O caçador e sua esposa foram obrigados a sair da Aldeia, indo morar bem longe.

Mesmo assim, de vez em quando, muito dos seus antigos vizinhos apareciam só para atirar pedras no casal e nas crianças.

A insatisfação começou a tomar conta do coração do caçador, acompanhada de outros sentimentos ruins, tais como a mágoa e o rancor.

Certo dia, ele reuniu toda a família e marchou para floresta em busca da família da esposa. Encontrando as irmãs, pediu-lhes que o transformassem em búfalo, pois não estava mais disposto a viver em um mundo tão perverso, onde qualquer um poderia ser perseguido e maltratado apenas por ser diferente.

(versão narrada por mim)

Fábula Africana contada pelos Kurdis, do Lago Chade, lago compartilhado por Níger, Nigéria, Chade e Camarões.

Fonte: BRAZ, Júlio Emílio. Cinco fábulas da África / Júlio Emílio Braz; ilustrações de Gustavo Damiani. – São Paulo: Leya, 2013.

Quarta vivência – *concentração* – propor formar um trio para desenvolver uma atividade de concentração e assim “ensaiar” a construção de estratégias para lidar com as adversidades que podem vir a ocorrer tanto na hora da história, como nos demais momentos da rotina de nossa atividade docente. Então as educadoras deveriam se dividir para realizar a atividade, assim: a primeira professora fazia gestos para ser imitados pela segunda, enquanto esta conversava com uma terceira. Nomearei para facilitar a visualização, Rosa fazia gestos na frente de Flor, que enquanto a imitava Flor conversava com Violeta<sup>2</sup>. Este momento foi bem interessante perceber as educadoras buscando maneiras de se concentrar em responder de maneira coesa a conversa, enquanto repetiam minuciosamente movimentos proposto por outrem.

## Por quê?!

*Para os narradores, é importante desenvolver estratégias de incorporar a história, que esta sendo contada, os elementos externos – interferências que aparecem no decorrer da narrativa.*

Para finalizar – o encerramento da formação solicitei uma rodada de avaliação e reflexões sobre as oficinas, que pudesse destacar as contribuições, limites e possibilidades.

## Você Sabia?!

### PROVÉRBIOS

*Os provérbios são ditos populares (frases e expressões) que transmitem conhecimentos comuns sobre a vida. Muitos deles foram criados na antiguidade, porém estão relacionados a aspectos universais da vida, por isso são utilizados até os dias atuais. É muito comum ouvirmos provérbios em situações do cotidiano. Quem nunca ouviu, ao fazer algo rapidamente, que “a pressa é a inimiga da perfeição”. Os provérbios fazem sucesso, pois possuem um sentido lógico.*

*A maioria é de criação anônima. O provérbio é fácil de decorar e transmitir em função de seu formato simples, curto e direto. Falam sobre diversos assuntos e fazem parte da cultura popular da humanidade. Encontramos provérbios para praticamente todas as situações de vida.*

2. Nomes meramente ilustrativos.

### CAUSOS

*A distinção entre o conto popular e o causo está em que neste o narrador participa da narrativa como personagem ou testemunha preocupado em dar-lhe cunho de verdade, por mais fantástica e inacreditável que pareça. [...] os causos preocupam-se com a realidade objetiva, factual, imediata (PIMENTEL apud MATOS e SORSY, 2007, p. 125).*

### TRAVA-LÍNGUA

*São um tipo de parlenda, jogo de palavras que faz parte da literatura popular. O trava-língua é uma frase difícil de recitar em decorrência da semelhança sonora das suas sílabas.*

## Material Utilizado

### PROVÉRBIOS

- Dai a César o que de César e a Deus o que de Deus.

- Quando um não quer, dois não brigam.

- Quem com ferro fere, com ferro será ferido.

- Gato esaldado tem medo de água fria.

- Cobra que não anda, não engole sapo.

- Papagaio come milho, periquito leva a fama.

- Mais vale um pássaro na mão do que dois voando.

- Cavalo que voa não quer espora.

- A pressa é a inimiga da perfeição.

- A necessidade é a mãe das invenções.

- Cavalo dado não se olha os dentes.

- Para bom entendedor, meia palavra basta.

- A ocasião faz o ladrão.

- Pimenta nos olhos dos outros é refresco.

-- A mentira tem perna a perna curta.

- Uma andorinha só não faz verão.

- Macaco velho não pula em galho seco.

- Águas passadas não movem moinhos.

- Santo de casa não faz milagre.

- Cada cabeça, cada sentença.

TRAVA-LÍNGUA

*-Num ninho de mafagafos há sete mafagafinhos.  
Quando a mafagafa gafa, gafam os sete mafagafinhos.*

*A aranha arranha a rã.  
A rã arranha a aranha.  
Nem a aranha arranha a rã.  
Nem a rã arranha a aranha.*

*Em rápido raptó, um rápido rato raptou três ratos sem deixar rastros.*

*Um ninho de carrapatos, cheio de carrapatinhos, qual o bom carrapateador, que o descarrapateará?*

*Trazei três pratos de trigo para três tigres tristes comerem.*

*Uma trinca de trancas trancou Tancredo.*

*O sabiá não sabia que o sábio sabia que o sabiá não sabia assobiar.*

*Farofa feita com muita farinha fofa faz uma fofoca feia.*

*O tempo perguntou ao tempo quanto tempo o tempo tem, o tempo respondeu ao tempo que o tempo tem o tempo que o tempo tem.*

*Paulo Pereira Pinto Peixoto, pobre pintor português, pinta perfeitamente, portas, paredes e pias, por parco preço, patrão.*

*Fia, fio a fio, fino fio, frio a frio.*

*O original não se desoriginaliza!  
O original não se desoriginaliza!  
O original não se desoriginaliza!  
Se desoriginalizásemo-lo original não seria!*

*Se percebeste, percebeste.  
Se não percebeste, faz que percebeste para que eu perceba que tu percebeste.  
Percebeste?*

*Concluimos que chegamos à conclusão que não concluimos nada. Por isso, conclui-se que a conclusão será concluída, quando todas tiverem concluído que já é tempo de concluir uma conclusão.*

*Chega de cheiro de cera suja.*

*O doce perguntou pro doce qual é o doce mais doce que o doce de batata-doce. O doce respondeu pro doce que o doce mais doce que o doce de batata-doce é o doce de doce de batata-doce.*

*O Rato roeu a rica roupa do rei de Roma!  
A rainha raivosa rasgou o resto e depois resolveu remendar!*

*Tecelão tece o tecido em sete sedas de Sião. Tem sido a seda tecida na sorte do tecelão.*

*O que é que Cacá quer? Cacá quer caqui. Qual caqui que Cacá quer? Cacá quer qualquer caqui.*

*Quem a paca cara compra, paca cara pagará.*

*Não sei se é fato ou se é fita. Não sei se é fita ou fato. O fato é que você me fita e fita mesmo de fato.*

## Referências

- BRAZ, Júlio Emílio. Cinco fábulas da África / Júlio Emílio Braz; ilustrações de Gustavo Damiani. – São Paulo: Leya, 2013.
- CÂNDIDO, Antônio. **O direito à literatura**. Vários escritos. 3º ed. Revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.
- COELHO, Betty. **Contar histórias uma arte sem idade**. 4ª ed. São Paulo: Ática, 1991.
- COUTINHO, Afrânio. **O direito à literatura e o como ensiná-la**. Notas de teoria literária. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978. p.8-15.
- FARIAS, Carlos Aldemir. **Contar histórias é alimentar a humanidade da humanidade**. In Contadores de Histórias: um exercício para muitas vozes/ Organização Benita Prieto. Rio de Janeiro: s. ed, 2011.
- MACHADO, Regina. **A arte da palavra e da escuta**; colagens de Adriana Peliano. – 1ª ed. São Paulo: Editora Reviravoltas, 2015.
- MARTINS, Ligia Marcia. **O desenvolvimento do psiquismo e a educação escolar**: contribuições à luz da psicologia histórico cultural e da pedagogia histórico-crítica. 2011. Bauru. São Paulo. Tese de doutorado.
- MATOS, Gislayne Avelar. **O ofício do contador de histórias**: perguntas e respostas, exercícios práticos e um repertório para encantar / Gislayne Avelar Matos, Inno Sorsy. – 2ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- SISTO, Celso. **Textos & pretextos sobre a arte de contar história**. 3. Ed. Ver. E ampl. – Belo Horizonte: Aletria, 2015.
- TAHAN, Malba. **A arte de ler e contar histórias**. 2. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1961.



# *Retalhos de Memórias, Colchas de Histórias: Itinerário da Palavra*

Universidade Regional do Cariri - URCA  
Mestrado Profissional em Educação - MPEDU

Crato - CE  
2019

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-65425-55-1



9 788565 425551